

## REGISTO DE NOTAS SOLTAS E DESORDENADAS (2)

### “ DOCE RECLUSÃO ”



*PAUÍLA acordou cedo nesse dia. O Sol ainda demoraria a espalhar os seus raios para os lados do “Rebimba o Malho” e o Mister Jones, por certo, ainda deu umas boas “reviravoltas” na esteira! Depois de um “substancial” pequeno almoço, fornecido pelos famosos serviços de “catering” do amigo “Terrinas”, devidamente armados e equipados, deixamos o aquartelamento (três grupos de combate) ainda quase ao lusco-fusco, a caminho de Macaloge, onde íamos participar em mais uma “operação” (a nível de vários batalhões) à mítica Serra JÉCI !*

*Tínhamos pela frente 60 km de picada difícil (estávamos em pleno Estado de “Minas Gerais”) e os terríveis acontecimentos, logo no início da nossa comissão, jamais se varreram do pensamento! Não se podia facilitar. O IN temia os “bravos” de PAUÍLA, mas estava, por certo, muito atento aos nossos “modus faciendi e operandi”! Havia, pois, que ter redobrados cuidados! O “nosso” capitão (Rocha) estava de férias e “comandava” eu a Companhia.*

*Passámos à “porta d’armas”, onde o Rocha (Falseta) ainda se municiou com algumas mangas, no imenso mangueiral à entrada do n/ aquartelamento, fazendo concorrência aos inúmeros elefantes que, diariamente, em horas de grande calor, também lá se abasteciam, indiferentes à nossa presença!*

*A “picagem”, como habitualmente, foi iniciada a breve trecho.*

*Passámos a “Fonte do Lago”, do lado esquerdo (na acentuada descida de Pauíla) e embrenhámo-nos na mata densa, ultrapassada que foi a subida seguinte. À frente e pelos flancos ia a “segurança”, seguida pelos grupos de “picagem” e, a apreciável distância, pelas Berliet’s (habilmente conduzidas pelo “Xico Lourenço”, pelo “Fafe” e pelo “Paço d’Arcos”), intercaladas pelo restante pessoal, que se ia rendendo na “picagem” e na segurança.*

*O Sol já ia alto, quando passamos a Ponte Alferes Negrão, sobre o Rio Moola, onde deparamos com famílias de macacos brincando, saltando de galho em galho; cena já nossa familiar, de resto, graças aos vários meses em que lá estagiámos, montando a segurança à Engenharia!*

*E já negrejava quando, ao longe, avistámos MACALOGÉ com a sua inconfundível “terra vermelha”. Todo o pessoal, naturalmente, depois de 60 km de “picagem”, e bafejado por um calor tórrido, chegou exausto à sede do Batalhão! Mas um bom banho e umas frescas bazucas operavam recuperações inimagináveis, depois de uma comida quentinha e de um reparador sono.*

*O pessoal, como habitualmente, lá se foi instalar nos locais do costume. Lá encontramos o pessoal com que só de longe a longe privávamos.*

*Lá reencontrei, entre muito outro pessoal (Sargentos, Furriéis, Cabos e Soldados), a maioria dos oficiais com que, muito de perto, tinha convivido em Chaves: os alferes da CCS: Mendes da Silva, M. Hespanhol, Francisco Allen (médico), J. Pereira (capelão), Santos Pinto, L. Oliveira, E. Rodrigues, J. Sousa e os da 2667: M. Correia, O. Ferreira e R. Pinto. O A. Cabral estava com o seu*

*“Grupo “para o mato”; os capitães Rui Nunes e F. Guterres (que veio substituir o Capitão Lobo d’Ávila), o Major Artur Lourenço e o Ten. Cor. Carmo Neves. Estava ausente o Major Luís Banazol.*

*Ainda reencontrei também uns camaradas e amigos de Esposende: o Furriel Marino Neiva (da 2667) - conhecido pelo nome de guerra: “Shmaine”- assim como o Soldado Álvaro Paquete (também da 2667)! E (como prova para “memória futura”) posámos para a posteridade!*

*Após o jantar, na cálida e calma explanada, rodeada por uma linda relva, acompanhados por uns whiskies, lá conversamos até às tantas, pondo em dia os mais variados temas, quer os respeitantes à guerra (nas três frentes de combate), quer os que nos vinham a lume, da “Metrópole”!*

*Há muito tinha caído a noite e o silêncio em terras de Sanga, quando encetámos um sonho reparador!*

*Na manhã seguinte, fui acordado pelo nosso comandante que, muito desapontado, me veio dizer:*

*- Alferes Meira: dois soldados (africanos) seus estão detidos! Vi-os, logo de manhãzinha, da janela do meu quarto (a famosa janela do comandante!), a saltar o arame farpado! Não ficaram cá! Dormiram no aldeamento! Mandei-os deter!*

*- Óh meu comandante, não haverá engano?*

*- Não. Não há engano nenhum! Mandei-os identificar e disseram que eram de Pauíla, um dos quais do seu Grupo de Combate!*

*Como me competia, prometi tirar a limpo o caso e repreender os dois “prevaricadores” !!!*

*Dirigi-me, após tomar o pequeno-almoço, à “casa de reclusão”, onde estavam (detidos) efectivamente dois soldados de Pauíla: um integrava o meu grupo de combate (era o Francisco V.) e o outro era do 4º Grupo (do alferes Carvalho), mas já não me recordo do nome.*

*Mas pensam que estavam arrependidos? Nem pensem nisso! Quando lhes pedi para justificar a situação, com a voz um pouco pastosa, disse-me o Francisco V.:*

*- Meu alfer : nós só fomos ontem à noite ter com mulher no aldeamento e adormeceu! Só acordou mesmo hoje de manhã! Jura! Jura mesmo, meu Alfer ! Mas nós não estar zangados com o “nosso Comandante” e gostar “maning” mesmo de estar aqui, nesta reclusão!*

*- Pudera! Como pude constatar através de uma olhadela ao seu interior, deparei com um pipo de vinho! Com a falta de espaço no depósito de géneros tinham-no lá colocado, provisoriamente!*

*E o resto já vocês adivinharam, não é verdade?*

*Voltarei em breve! Adeus!*

**A. MEIRA.**